

Natacha Fontinha escreveu na nuca a palavra Honra. Não diz a idade, porque a informação rotula. “Cada um tem a idade que quer ter.” Mulher diferente, sim, e muito, apesar de todas as nova-iorques, berlins e amsterdões deste mundo, em que Portugal é ainda outro — avesso à diferença. Mãe do Átila, nove anos, nome legalmente negociado, porque à data omissa na lista de nomes admitidos, a mulher tatuada é uma filha única nascida numa família tradicional, que os novos *piercings* e tatuagens de Natacha foram comprometendo com a modernidade. Que sim, que se vê como uma pessoa fora do baralho, embora sobretudo como alguém diferente por dentro. Alguém que prefere “levar a vida a brincar”, tendo a coragem de parecer, diz, quem realmente é — um outro debate ainda assim. “Ser diferente não é só estar tatuado, é sê-lo mesmo perante a vida.” Ter, também, a coragem de enfrentar os outros, com os seus preconceitos apensos. “Às vezes as pessoas abordam-me para me perguntarem se eu não acho que exagero um bocado. Eu respondo que são pontos de vista! A tatuagem ainda é vista como uma coisa de margem.”

Natacha trocou os trapos da moda “por um novo amor, algo que não saía mais, que ficava na pele”. Cada tatuagem conta uma história de coragem, “tal como o faziam as dos braços dos ex-combatentes” do ex-Ulamar. “É uma maneira de marcar o que é muito forte. Já os primitivos o faziam!” — adornar-se de símbolos significantes. “Isso é milenar. As sociedades modernas deram a volta ao texto, mas é a mesma coisa.” Para ela, a tatuagem é a técnica de ilustração mais perfeita que existe, porque, ao contrário do mural ou do papel, que o tempo sempre rasga, apaga, suprime velozmente, a pele tem ainda outras qualidades. “Há textura, opacidade, envelhecimento, não há nada como a pele.” Nas costas, Natacha tatuou a Vida, porque é o que carrega — di-lo, rindo-se da vida que cada um de nós leva às costas. Nos dedos,

tatuou umas estrelas que substituem os anéis que deixaram de apetecer. Há uma tatuagem que lhe falta, em homenagem a Portugal, que ama incondicionalmente: “Uma caravela portuguesa com a frase dos ‘Lusíadas’ ‘Por mares nunca dantes navegados’.”

“Há vinte anos era mais complicado. Eu ia na rua e diziam-me que parecia um boi, com a minha argola no nariz. Mas hoje em dia, eu não posso ir trabalhar para um banco de argola no nariz, e no entanto, em que é que isso me impediria de fazer o meu trabalho?”

Boa pergunta, que se impõe também no caso das transexuais (*male-to-female*) Lara Crespo, 37 anos, e Eduarda Santos, 50, que o mercado de trabalho discrimina em razão do mesmo princípio. “Sofro uma dupla discriminação”, diz Eduarda. “Por ser transexual e por ter 50 anos.” Vivem as duas com o subsídio social de desemprego de Eduarda — 300 euros. “Quando deixar de ter direito não sei... mas se calhar vou assaltar bancos ou pessoas na rua.” Não admira que uma percentagem esmagadora dos transexuais portugueses (acima dos 90%) se prostitua para sobreviver. Mas se vivessem em Espanha, onde já existe uma lei de identidade de género que reconhece as disforias da Natureza, Lara e Eduarda teriam já novos nomes — o que mudava logo tudo. Em Portugal, antes da cirurgia dita de redesignação sexual, nada feito. “No trabalho é inultrapassável”, explica Eduarda — porque os empregadores se recusam a celebrar contratos de trabalho com pessoas cujo género definido pelo nome próprio não corresponde ao do género aparente. Mas não só: quando um transexual vai renovar o bilhete de identidade ou recorre a um serviço de urgência hospitalar, é inevitável a situação caricata de ouvir um nome cujo género não corresponde ao visível perceptível. “Chamam alguém com um nome de homem e aparece uma mulher.”

Lara assumiu-se como transexual há nove anos (sete dos quais com acompanhamento clínico psiquiátrico), Eduarda há cinco. Para elas não se trata de uma questão de coragem, porque isso é para quem pode escolher. “A nossa parte psicossocial, que define a

AS TRANSEXUAIS LARA CRESPO E EDUARDA SANTOS FOTOGRAFADAS JUNTO A UM IMPONENTE RETRATO DA DESASSOMBRADA DONA MARIA PIA, A BENEMÉRITA, TAMBÉM ELA UMA MULHER MUITO DIFERENTE PARA A ÉPOCA





identidade de género [feminina ou masculina] está ao contrário do nosso corpo. É uma dualidade terrível, que provoca enorme sofrimento”, explica Lara. Amigas há oito anos, Lara e Eduarda vivem juntas há três — querendo isto significar que partilham uma casa, e não que vivem amorosamente. Lara é heterossexual, Eduarda lésbica, orientações sexuais — falamos aqui do sentido do desejo — que assumem também com inegável coragem, numa sociedade em que os estereótipos comandam. “Estou com umas maminhas 36 muito bonitas”, diz Lara, cuja última intervenção foi um implante mamário que a enche de orgulho feminino. Conquista que não pode partilhar com a família, que insiste em chamar-lhe Zé Carlos e em tratá-la como um homem, apesar de todas as transformações visíveis que o tratamento hormonal evidencia. “Há uma tensão enorme quando estou com eles, retrocessos constantes. Não me aceitam como mulher.” Para Eduarda, “a generalidade dos médicos trata isto como uma doença mental. A única vantagem da psiquiatrização da transexualidade em Portugal é o facto de as cirurgias de redesignação serem pagas pelo Estado”. Vantagem que em absoluto é parca, num mundo que se obstina em olhar para a transexualidade como uma doença demasiado rara. Mas em cada 25.000 pessoas nasce um transexual *male-to-female*.

Pioneira Rara é também Teresa Ricou, ou Teté, a mulher-palhaço, como é mais conhecida. “Sou um bocado maluca e vou um bocado mais à frente. No fundo, sou igual a mim própria!”, relativiza. “Se eu estivesse em Amesterdão era igual a uma data de gente, porque é uma cidade que não só reconhece, como promove a diferença.” Mas é em Lisboa que vive a nossa primeira mulher-palhaço (nem ninguém se lembra de mais nenhuma), escolha ousada para esses outros tempos em que se afirmou. E concede: “Tenho uma respiração da vida diferente. E nunca desisto.” Qualidades que explicam também a longevidade e as conquistas da Escola de Artes Circenses e Ofícios do Espectáculo Chapitô — um pro-

TERESA RICOU, A PRIMEIRA MULHER-PALHAÇO PORTUGUESA, ACREDITA QUE, SE ESTIVESSE EM AMESTERDÃO, SERIA IGUAL A MUITA GENTE. “AQUELA CIDADE NÃO SÓ RECONHECE COMO PROMOVE A DIFERENÇA”



jecto cultural, educativo e social que faz a diferença. “Mas as pessoas nem sempre a reconhecem, e por isso não a valorizam.” Diz que nunca aceitou pertencer à “massa disforme e mole, sem músculo e sem convicções” que define o rebanho.

Por vezes sente-se cansada de ter de estar constantemente a afirmar as mesmas coisas. “Vale a pena usar a arte contra a exclusão. Vale a pena ousar na vida e não desistir, e talvez seja aí que reside de facto a minha diferença: na determinação. Claro que tudo isto

tem um preço. Se me sinto sozinha? Isso é comum às pessoas do espectáculo, e não me mete medo. Fui suficientemente vadia a vida toda para não precisar que tomem conta de mim.” Para ela, o 25 de Abril foi uma tempestade depressa demais substituída por uma bonança torpe. “A tempestade acalmou logo, e ficaram as folhas, que ninguém limpou. Está a começar a cheirar um bocadinho a mofo... Eu fiz essa revolução”, diz, falando da tempestade que tudo parecia varrer. “Mas, e as outras pessoas, o que é que estiveram a fazer?